

A LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO E COMPREENSÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA

Elimária Costa Marques ¹

Resumo: Considerando o ensino de História como um meio de orientação para os educandos ampliarem suas opiniões e participações como cidadãos, é relevante ao educador no de processo de ensino-aprendizagem possibilitar a compreensão e análise dos acontecimentos, facilitando aos educandos a tomada de posição diante da realidade social. As atuais metodologias de ensino exigem permanente atualização e incorporação de diferentes “fontes de informação” na sala de aula. Nessa perspectiva, descrevemos uma experiência realizada com alunos do 6º ANO do Colégio Sagrado Coração de Jesus – CSCJ, em Teresina - PI, nos anos de 2007 e 2008 referentes à relevância dos conceitos e significados das palavras no processo de aprendizagem do contexto histórico. Foi possível perceber no decorrer da experiência como a compreensão de alguns termos conceituais contribuiu no processo de aprendizagem e compreensão do conhecimento histórico dos alunos.

Palavras-chave: linguagem; conhecimento histórico; compreensão.

Abstract: Considering the education of History as a way of orientation educandos them to extend its opinions and participation as citizens, is excellent to the educator in the one of teach-learning process ahead to make possible the understanding and analysis of the events, facilitating to the educandos the taking of position of the social reality. The current methodologies of education demand permanent update and incorporation of different “sources of information” in the classroom. In this perspective, we describe an experience carried through with pupils of 6º YEAR of the Sacred College Heart of Jesus - CSCJ, in Teresina - PI, in the referring years of 2007 and 2008 to the relevance of the concepts and meanings of the words in the process of learning of the historical context. It was possible to perceive in elapsing of the experience as the understanding of some conceptual terms contributed in the process of learning and understanding of the historical knowledge of the pupils.

Word-key: language; historical knowledge; understanding.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É notório: nenhum ser humano nasce sabendo ler. Aprende-se a ler à medida que se vive, ou seja, ler torna-se uma prática essencial para entender o mundo e conseqüentemente para se viver melhor.

Segundo Costa Val (2002, p.118),

¹ Elimária Costa Marques – Graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Especialista em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí – UFPI e Gestão da Aprendizagem pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, Professora do Instituto Camillo Filho – ICF e da Rede de Ensino Privada de Teresina – Piauí.

Alguém aprende alguma coisa quando se torna capaz de reconstituí-la e explicitá-la por si mesmo, por seu próprio trabalho mental, embora esse esforço intelectual se constitua sempre na relação com o outro, com sistemas sociais de conhecimentos, crenças e valores.

Se essa é a maneira mais fácil de aprender, a escola e especialmente os professores devem criar situações em que o aluno tenha oportunidade de interagir com o objeto que se quer que ele conheça.

A História enquanto ciência do conhecimento busca compreender as diversas maneiras de viver e pensar da humanidade nos diferentes espaços e épocas, permitindo que as experiências sociais sejam vistas como um constante processo de transformação. Assim, [...] o objetivo primeiro do conhecimento histórico é a compreensão dos múltiplos processos e sujeitos históricos, e o desvendamento das relações que se estabelecem entre grupos humanos em diferentes tempos e espaços [...] (KARNAL, 2003, p. 42).

Considerando o ensino de História como um dos meios de orientação para os educandos ampliarem suas opiniões e participações como cidadãos, é relevante ao educador no processo de ensino-aprendizagem possibilitar a compreensão, análise e criticidade dos acontecimentos, facilitando-lhes a tomada de posição diante da realidade social que o cerca. Portanto, ao incorporarmos as diferentes linguagens (textos musicais, literários, filmes, imagens, gravuras, obras de arte, etc.) no processo de ensino de História, reconhecemos não só a estreita ligação entre os saberes escolares e a vida social cotidiana, mas também a necessidade de (re)construirmos nosso conceito de ensino e aprendizagem.

As metodologias de ensino, na atualidade, exigem permanente atualização, constante investigação e contínua incorporação de diferentes “fontes” em sala de aula. Essas “fontes” expressam relações sociais, relações de trabalho e poder, identidades sociais, culturais, étnicas, religiosas, universos mentais constitutivos da nossa realidade sócio-histórica.

Partindo dessa perspectiva, faremos uma breve descrição de uma experiência chamada de MINIDICIONÁRIO DE HISTÓRIA, realizada com os alunos do 6º Ano (5ª série) do Colégio Sagrado Coração de Jesus – CSCJ, em Teresina - PI entre os anos de 2007 e 2008. O principal objetivo deste recurso metodológico era mostrar aos alunos a relevância e utilização dos conceitos e significados das palavras no processo de ensino-aprendizagem da História.

Lembramos aos educandos que as palavras utilizadas para veicular os conteúdos históricos são as mesmas da fala corriqueira e usual diariamente, mas seus significados são

reelaborados, a partir do contexto historiográfico, não são sempre os mesmos do cotidiano. Dessa forma o processo de compreensão e análise da História tem a necessidade de conceber os conceitos, dos quais se utiliza, para expressar sua logicidade e organicidade, considerando que para formulá-los, se faz necessário,

Uma abstração formada pela generalização a partir de particularidades. Requer que se utilize o termo mais adequado, capaz de expressar através de seu significado o que realmente ocorre na realidade empírica. O primeiro requisito de um conceito é que reflita corretamente as forças que operam realmente no mundo. (MENDONÇA, 1983, p. 17).

Sendo assim, a compreensão dos conteúdos históricos, pelos professores e alunos, deve ter como ponto de partida a compreensão dos conceitos utilizados para construir este conhecimento, o qual se deseja que seja apreendido correta e coerentemente. Foi partindo deste pressuposto, que se procurou trabalhar, nas aulas de História ministradas no 3º ciclo do Ensino Fundamental (5ª série - 6º ano), com o significado e análise das palavras conforme o contexto historiográfico no qual estas estão inseridas, buscando, deste modo, construí-los interativamente ao longo e paralelamente à discussão temática obrigatória dos conteúdos integrantes do currículo de História da referida série.

Este texto é, portanto, uma tentativa de sistematização da experiência empírica da construção da linguagem histórica como instrumento de comunicação e reflexão no ensino de História, por meio da construção do MINIDICIONÁRIO DE HISTÓRIA. É necessário reafirmar que o referencial teórico para o ensino de História em nosso cotidiano se mostra escasso e superficial, tendo em vista que na Área de Conhecimentos das Ciências Humanas damos maior preferência ao arcabouço teórico que fundamenta a produção do conhecimento e não àquele que propicia a difusão e reconstrução deste.

O saber histórico, tal como os demais que constituem a gama de conhecimentos humanos é fundamentado numa prática onde o professor atua como difusor e, por vezes, relator e delator do conhecimento, baseando sua prática docente na discursividade, no ambiente da sala de aula, conforme afirma Ubiratan Rocha “a fala constitui um instrumento de controle grupal e é o principal veículo de transmissão do saber”. Dessa forma, é fundamental ao professor de História fazer-se compreender correta e claramente por parte de seus ouvintes, para que não haja más interpretações de suas falas e exposições. Considerando isto, faz-se necessário assegurar que o interlocutor tenha a compreensão real e a dimensão do significado das palavras utilizadas no discurso histórico, pois,

A base de tudo são os conceitos que são representações desenvolvidas historicamente pela sociedade humana. Eles têm na palavra o seu símbolo mais usual. A palavra pertence a um sistema de classificação e possui como referente não um objeto ou ser singular, mas um objeto formal, ou seja, algo previamente classificado. Ao compartilhar significados comuns é possível aos falantes produzirem trocas simbólicas. Assim, significados comumente adquiridos passam a constituir as senhas que permitiram a decodificação simbólica e, portanto, a comunicação. Desse modo, para se operar conscientemente com as idéias é preciso que se domine tanto o significante quanto o significado. (ROCHA, 2001, p. 59).

Neste viés da compreensão dos códigos de linguagem cabe, então, ao campo da História forjar e adequar os vocábulos da língua vernácula às suas necessidades explicativas e teóricas. É importante, antes de tudo, explicitar as divergências mentais e culturais presentes em cada sociedade e épocas históricas diferentes que podem levar um termo a ter significados bem distintos e diversificados e por vezes opostos. Por isso, a construção e compreensão dos conceitos históricos são tão essenciais para a coerência do saber histórico, mesmo sendo os conceitos,

[...] objetos de inconsistências; isto pode decorrer do desconhecimento dos componentes que entram na sua conformação. Há necessidade de que os conceitos tenham uma definição apropriada afim de que sejam úteis. Na ciência histórica, depararmos-nos com muitas limitações para obter o consenso suficiente de ser entendida a sua terminologia e empregada da mesma forma por todos os historiadores. (MEDONÇA, 1983, p. 20).

Mas as divergências conceituais existentes entre os historiadores não podem constituir-se em válvula de escape para que não se faça o delineamento dos conceitos históricos. Apesar das dificuldades presentes na formação do saber histórico, é imprescindível tal definição dos conceitos abordados numa determinada explicação dada a um acontecimento histórico.

Portanto cabe ao historiador – professor, a responsabilidade de definir, no momento da construção de seu discurso, seja ele acadêmico, ou apenas docente, a delimitação dos significados dos símbolos e códigos de linguagem empregados, sem, no entanto deixar de considerar as dificuldades pré-existentes para definição destes no contexto da História, tais como: a variabilidade e diversidades do tempo histórico e das sociedades humanas; a alteração dos padrões de construção da ciência histórica a partir da mudança de interesse dos “construtores” desta ciência; os neologismos próprios de cada código de linguagem que se adapta ao contexto histórico vigente; dentre outras.

Mas, tais fatores dificultantes para a elaboração conceitual no campo da História é, dentro de sua atividade, algo a ser superado, mas sem esquecer-se dos fatores que

condicionam como dificuldade e da essência da “fazer histórico” que no limiar da atuação acadêmica tende a constituir-se num esforço pessoal e entusiástico do historiador.

[...] O conhecimento é produzido assim, mediante a ação do sujeito sobre o objeto que se quer conhecer, isolando-se as partes que compõe o todo, produzindo novas combinações etc. [...] Os textos históricos não fogem a regra... Mesmo sobre temas exaustivamente pesquisados pode-se produzir o novo, a partir de novos enfoques teóricos; assim sendo, se pretende um tipo de aprendizado que não fique apenas na superfície, no aparente, é necessário criar condições para que o aluno adquira os instrumentos conceituais que lhe permitam decodificar idéias já existentes e produzir novas [...]. Ao trabalhar sobre eles o aluno experienciará usos explicativos similares em diferentes contextos, apreendendo informações e, ao mesmo tempo, apropriando-se do conceito e das suas possibilidades enquanto instrumento passível de ser operado em situações diversificadas. (ROCHA, 2001, p. 58-60).

A linguagem histórica constitui-se em um discurso próprio e singular, a qual adequa-se à realidade de quem o veicula e de quem recebe a mensagem, e, para tanto, se faz necessário uma interação entre os agentes do processo comunicativo, ou seja, o emissor e o receptor da mensagem inclusa no texto.

Tal processo acontece de modo aceitável e agradável quando ambos os sujeitos do processo dominam, igualmente, os códigos e senhas de linguagem que permitem a compreensão mútua da mensagem veiculada. No caso dos textos históricos, ocorre uma particularidade, uma vez que a prática docente, nesta área de saber, é geralmente desvinculada da produção do saber histórico, pois a maioria dos docentes de História não são produtores destes textos, aceitando-os,

[...] como construções lógicas [...], comumente, como verdadeiras pelos professores. Eles funcionam como se fosse a própria realidade histórica. O que acontece é que nem sempre o aluno se apropria da lógica subjacente ao discurso, permanecendo no aparente, decorando e repetindo informações. O imaginário do aluno, por outro lado, não é suficientemente explorado para que se possa a partir dele estabelecer eixos conceituais que possibilitem trocas dialéticas entre o aluno, sujeito do conhecimento, e o objeto a ser conhecido, e entre as suas distintas instâncias do pensamento. (ROCHA, 2001, p. 62).

Por conta disso, é importante e essencial inserir, no ambiente da sala de aula, uma linguagem que traduza ao aluno as particularidades pertinentes à ciência história que o faça decodificar, satisfatoriamente, as mensagens inseridas no texto histórico, facilitando-lhe a percepção dos meandros da História por meio do domínio, pelo menos, dos conceitos mais usuais dentro do conhecimento do fato histórico. Deixando-se à parte a visão de que dar aulas de História é algo muito simples e fácil de fazer, bastando apenas ao professor reproduzir

aquilo que está contido nos textos didáticos sem dar-se conta da amplitude de termos e significados neles inclusos.

2 A PROPOSTA DE ENSINO: MINIDICIONÁRIO DE HISTÓRIA

A busca por forjar uma linguagem adequada à realidade do aluno que o faça perceber as particularidades do saber Histórico e a compreendê-lo mais facilmente, leva os docentes a buscar estratégias diferenciadas para fazer com que o aluno apreenda os conceitos que facilitem o seu entendimento da História, pois,

[...] definir previamente o conceito nem sempre é o caminho mais produtivo. Há que se propiciar um ambiente tal que se permita ao educando construir a ponte entre o significado que já possui e o correlato de maior nível de abstração proposto. (ROCHA, 2001, p. 60).

E permitindo-lhe, ainda, desenvolver a capacidade de fazer correlações entre o conceito aprendido com os diferenciados períodos históricos.

Levando em consideração este aspecto e a necessidade de construção de conceitos históricos com a participação efetiva do educando, buscamos trabalhar os significados das palavras nas aulas de História e partindo também da observação inquietante de que alguns alunos tinham completo desconhecimento dos significados de termos contidos nos textos didáticos de História, instigamos os mesmos para a importância e o prazer de descobrir novas informações, assim surgiu o Minidicionário de História.

Esse recurso didático foi organizado no início do ano letivo, quando foi solicitado do aluno um caderno cujas folhas iniciais são organizadas capa e sumário e nas demais são distribuídas e paginadas seguindo as seqüências numérica e alfabética. As ilustrações e/ou imagens anexadas ao caderno seguem a criatividade de cada aluno. Passada a euforia inicial de construção/decoração, veio à etapa mais longa e importante dessa atividade.

O preenchimento do caderno com os verbetes foi gradativo, através das palavras sugeridas pelos alunos e/ou detectadas nos textos discutidos nas aulas de História. Cada verbete transcrito foi pesquisado em dicionários de Língua Portuguesa ou então seu significado foi construído pelo próprio educando a partir do seu entendimento bem como da observação da realidade que o permeava. Às vezes foi necessária nossa interferência para adequações nas variedades dos sinônimos conforme o contexto histórico estudado.

Dessa forma, a compreensão de cada verbete possibilitou a ampliação do vocabulário individual do aluno, bem como melhorou a compreensão do conteúdo em discussão. Como

exemplo disso pode destacar alguns verbetes analisados como: cultura, História, história, calendário, memória, fósseis, homínido, cidadania, Estado, revolução, ancestral, hierarquia, mitologia, Império, República, política, civilização, teocracia, dentre outros.

A construção do conhecimento histórico é um processo nem sempre suave, principalmente quando se trata de interpretá-lo em salas de aula, posto que tal ambiente seja “contaminado” pelo tradicionalismo do ensino bancário e elitizado. Buscar alternativas ao ensino de História nesta condição não é tão estimulante quanto se imagina, fazer com que o ensino desta área do saber cumpra sua finalidade de,

[...] introduzir o descontínuo em nós mesmos, que não tem a obrigação de ser a continuidade desse tempo anterior, desse tempo que nos fez chegar até onde somos. Então a História teria esta finalidade de fazer as pessoas conviverem, por exemplo, com relativo da própria existência, conviver com a relatividade das coisas (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, p. 1-2).

Como tal a construção da História e seu ensino, por extensão, passam pela elaboração de significados para um discurso que chega à sala de aula, em sua maioria, já pronto, por meio dos livros e textos didáticos, assim é importante assegurar a compreensão deste discurso e de seus termos explícitos e implícitos.

Buscando satisfazer este intuito, iniciamos a experiência do MINIDICIONÁRIO DE HISTÓRIA com alunos do Ensino Fundamental. Linguisticamente falando, essa prática pode não ser a mais adequada, porém o contexto da sala de aula induziu a ação. Sabemos que nossa atividade docente deveria passar por uma fundamentação teórica e reflexão mais profunda e anterior à prática, fato que não aconteceu em nossa atividade, portanto parafraseando Perrenoud (2001), “ensinar é agir na urgência e decidir na incerteza”, foi isto que fizemos diante da deficiência detectada em nosso alunado e sabendo que a inovação das atividades docentes nem sempre partem dos mais experientes sistematizadores de situações reais de ensino, colocamos em prática a nossa expectativa e tentativa de sanar as dificuldades mais emergenciais e gritantes dentro de nossas salas de aula.

Somos conscientes que,

[...] agir na urgência é agir sem ter tempo de pensar e, ainda menos, de pesar longamente os prós e os contras, de consultar obras de referência, de buscar conselhos, de adiar a ação para identificar os parâmetros da situação e considerar melhor as diversas possibilidades. Decidir na incerteza significa decidir quando a razão ordenaria não decidir, ..., pois não dados nem modelos da realidade disponíveis para permitir calcular com certa certeza o que aconteceria se... (PERRENOUD, 2001, p. 16-17).

Porém a situação em que nos encontrávamos, enquanto docente, era emergencial, necessitávamos, então, de algo prático e eficiente para minimizar as dificuldades de compreensão de nossos alunos, e dentro de nossas limitações, desenvolvemos esta estratégia de ensino – MINIDICIONÁRIO DE HISTÓRIA – daquilo que é mais preliminar no conhecimento histórico – o aparato conceitual.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados satisfatórios da experiência foram percebidos ao longo do período letivo, posto que foi despertado e incentivado nos alunos a importância de conhecer e dominar conceitos e palavras, sejam elas históricas ou cotidianas. Obviamente nem todos os alunos se interessaram com o mesmo compromisso, conseqüentemente, nem todos atingiram o mesmo nível de compreensão e apreensão dos conceitos trabalhados, contudo, foi germinado em todos os participantes da atividade MINIDICIONÁRIO DE HISTÓRIA o gosto por descobrir e construir significados para as palavras e idéias que vivenciam e/ou pronuncia diariamente e/ou tem haver com a construção do mundo em que vivem: [...] Como em toda profissão qualificada, quem pode mais também pode menos: a atividade profissional está repleta de tarefas difíceis e mesmo o mais aventureiro audacioso passa por fases de rotina e quietude [...] (PERRENOUD, 2001, p.15).

Ao acumular dois anos letivos de experiência com o MINIDICIONÁRIO DE HISTÓRIA, podemos afirmar através da percepção e mensuração, que a utilização deste recurso didático contribuiu, em parte, para amenizar as dificuldades de compreensão pré-existentes em relação aos textos de História e tem fomentado o enriquecimento e ampliação do vocabulário dos alunos, pois passamos a ouvir: *“tia, qual a palavra de hoje para o caderninho”?* *“Tia pode anotar no caderninho uma palavra que a professora de geografia falou e eu não entendi?”*. Assim com o passar do período letivo, outras disciplinas como Geografia, Filosofia e Ciências - passaram a compartilhar da mesma prática, imprimindo no MINIDICIONÁRIO DE HISTÓRIA uma atividade interdisciplinar.

Ao empreendermos a experiência aqui destacada, ousamos, podemos até ter ousado demais, mas nos aventuramos a obter algo mais de nossos alunos que a tradicional memorização de conteúdos às vezes incompreensíveis. Podemos afirmar que fomos felizes e vitoriosos, pelo menos em nossa humilde avaliação deste trabalho, e que ensinar História vai além do livro e professor, mas precisa-se de ambos e de muita criatividade e compromisso.

4 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Para que serve a história?** Recife: Mimeo. Palestra proferida em Curso de Pós-graduação da UFPE em 23.01.2001.

BITTENCOURT, Circe. (Org.). **O saber histórico na sala de aula.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de São Paulo, 1992.

COSTA VAL, Maria da Graça. A gramática do texto, no texto. **Revista de Estudos da Linguagem.** Minas Gerais, v. 10, n. 2, p. 107-133.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história.** Campinas: Papyrus, 2003.

KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula:** conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 6. ed. São Paulo. Ática, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de ensino de língua?. **Em Aberto.** Brasília, n. 69, p. 63-82, 1996.

MEDONÇA, Nadir Domingues. **O uso dos conceitos:** uma tentativa de interdisciplinaridade. Bagé (RS): FAT/ FUMBA, 1983.

PERRENOUD, Philippe. **Ensinar:** agir na urgência, decidir na incerteza. 2. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

ROCHA, Ubiratan. Reconstruindo a História a partir do imaginário do aluno. IN: NIKITIUK, Sônia L. (Org.). **Repensando o ensino de história.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.